

Przemysław Dębowiak

Universidade Jagellónica  
de Cracóvia

## NOTA SOBRE OS DIALECTOS DE PORTUGAL

Este curto artigo pretende apresentar, de uma forma muito sucinta, as variedades geográficas da língua portuguesa e outros dialectos falados no território português continental, assim como algumas referências bibliográficas de base relativas ao assunto. Explorado em Portugal desde há dezenas de anos, este tema permanece quase desconhecido na Polónia – quer pelo pouco interesse, quer pela falta de materiais e possibilidades de os recolher.

A dialectologia portuguesa nasceu em finais do século XIX com a actividade do eminente linguista, filólogo e etnógrafo luso, José Leite de Vasconcelos (1858–1941), que – além de vários estudos, valiosas monografias (entre outros *Estudos de filologia mirandesa* e *Filologia barranquenha*) e numerosos artigos imprimidos na *Revista Lusitana* – em 1901 publicou em Paris a sua tese de doutoramento intitulada *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (escrita em francês). Esta foi a primeira obra de síntese mais pormenorizada, decrevendo e classificando as variedades diatópicas do português e que, apesar de imperfeita e já um pouco antiquada, sempre constitui um ponto de partida obrigatório para quem estiver interessado nos falares de Portugal. Convém mencionar que até hoje não a veio substituir nenhum outro trabalho comparável que apresentasse uma extensa imagem actualizada dos dialectos portugueses.

Nos anos 40 do século passado começou a segunda etapa na história da geografia linguística portuguesa. Manuel de Paiva Boléo (1904–1992) organizou e efectuou por correspondência o primeiro estudo sistemático dos dialectos portugueses (I.L.B. – *Inquérito Linguístico Boléo*), seguindo o modelo dos questionários que serviram de base para preparar atlas linguísticos de outras línguas europeias. Enviou a professores primários e párocos de todas as freguesias do país formulários com mais de quinhentas perguntas relativas a objectos de uso quotidiano, orientando o inquérito para os seus nomes e a maneira de os pronunciar (método chamado “coisas e palavras”). Nos artigos que depois redigiu, Paiva Boléo acabou por confirmar, em linhas gerais, os resultados dos estudos de Leite de Vasconcelos, tendo conseguido, além disso, recolher preciosos dados para investigações no campo da lexicografia, morfologia e fonética da língua portuguesa. Posteriormente, a partir dos mesmos também se fizeram vários atlas linguísticos de Portugal.

O terceiro grande linguista, Luís Filipe Lindley Cintra (1925–1991), reformador do Centro de Estudos Filológicos (o actual Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) e colaborador no *Atlas Linguístico da Península Ibérica*, interessou-se particularmente por vários tipos lexicais, concentrando-se, como o seu antecessor, em palavras típicas da vida rural. O fruto desta investigação – um conjunto de delimitações

das áreas lexicais em Portugal, exposto no artigo *Áreas lexicais no território português* (1962) – traz dados extremamente úteis para a lexicografia, permitindo um estudo da estratificação histórica do vocabulário português. Porém, o maior mérito de Lindley Cintra no campo da geografia linguística talvez seja a sua descrição dos dialectos portugueses, cuja nova divisão, incluindo o galego (que foi uma ideia bastante original), apresentou na *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses* (1971). Esta repartição, baseada em traços fonéticos pertinentes, até hoje permanece considerada a mais correcta.

Convém ainda mencionar outros nomes importantes para os estudos dialectológicos em Portugal: Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, José Joaquim Nunes, Orlando Ribeiro, Maria Helena Santos Silva, Lúcia M. dos Santos Magno, José Gonçalo Herculano de Carvalho... Esses investigadores, e não só, contribuíram com o seu empenho e trabalho fructífero para o desenvolvimento da dialectologia portuguesa no continente europeu, inspirando também gerações posteriores para se dedicarem à investigação nesta área. Aliás, as pesquisas neste domínio continuam com sucesso em várias universidades lusas, sendo particularmente activas na capital, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

\* \* \*

Como se apresenta hoje em dia a paisagem dialectal de Portugal continental? Para dar uma ideia geral da divisão comumente reconhecida, basta invocar brevemente os resultados das investigações que Lindley Cintra executou e expôs nos seus artigos essenciais acima mencionados.

Enquanto Leite de Vasconcelos elaborou – embora sem organização sistemática – a primeira classificação dos dialectos portugueses, baseada em vários traços (relativos à fonética, morfologia, vocabulário...) que o mestre fora anotando como dignos de interesse ao longo das suas inúmeras viagens pelo país, Paiva Boléo incidiu, de facto, sobre ramos particulares de dialectologia, concentrando-se na delimitação de diversas isoglossas (sobretudo isófonas e isoléxicas) no território de Portugal. Aproveitando os resultados das investigações de ambos os linguistas, Lindley Cintra, por sua vez, reviu e aprofundou questões detalhadas para depois as simplificar e tirar conclusões de carácter sintético e geral.

Depois de recolher, em 67 localidades espalhadas por Portugal, várias designações de objectos ou conceitos ligados de preferência à vida quotidiana no campo (tais como ‘soro do leite’, ‘úbere da vaca’ e ‘acção de lhe tirar o leite’, ‘cria da ovelha’, ‘queixo’), Lindley Cintra procedeu à sua análise e propôs três tipos de divisão do território português em grandes ÁREAS LEXICAIS:

1) *Norte conservador*, com preponderância de vocábulos de origem latina – *Sul inovador*, com palavras análogas de proveniência árabe<sup>1</sup>;

<sup>1</sup> P.ex. *soro* (← lat. hispânico \*SÖRU-, forma aparentada com o lat. clássico SĒRU- ‘soro’), que aparece no Norte e na norma-padrão de Lisboa, equivale às variantes *almece* / *almice* / *almécere* / *almícere* de origem árabe, dominantes no centro e no Sul.

2) *litoral conservador*, com maior número de arcaísmos, isolados e conservados nas zonas extremas – *interior inovador*, com predomínio de criações novas, vindas gradualmente de Espanha<sup>2</sup>;

3) *Noroeste conservador*, com preponderância de tipos arcaicos latinos – *zona(s) de transição*, em forma de faixa(s) orientada(s) do Nordeste ao Sudoeste – *centro e Sul inovadores*, sendo mais expostos às influências estrangeiras<sup>3</sup>.

As isoléxicas que este erudito demarcou são de grande utilidade nos estudos da história não só do português, mas também de outras línguas da Península Ibérica. Podem constituir um ponto de partida para investigações no âmbito da estruturação diacrónica do vocabulário ibérico, tendo uma grande importância para a lexicografia de todos os idiomas peninsulares.

Considerando o galego como uma língua intimamente aparentada com o português<sup>4</sup>, Lindley Cintra propôs também uma nova divisão dos dialectos falados na faixa ocidental da Península Ibérica, aos quais chamou, precisamente, galego-portugueses. A sua classificação foi inovadora por ultrapassar a fronteira política, simplificar consideravelmente as repartições anteriores e basear-se em traços fonéticos diferenciadores representativos, até sentidos como tais pelos próprios lusófonos e galegofalantes. Assim, revelaram-se pertinentes:

a) presença (ou ausência) do betacismo, ou seja, realização (ou não) das consoantes [b] e [v] indeferentemente ora como constrictiva [β], ora como oclusiva [b]<sup>5</sup>;

b) presença (ou ausência) do sесеio, ou seja, realização (ou não) das consoantes fricativas pré-dorsodentais [s] e [z] como fricativas áptico-alveolares [ʃ] e [z]<sup>6</sup>;

<sup>2</sup> P.ex. a *queixo* (← lat. \*CAPSĒU- ‘semelhante a uma caixa’ ← CAPSA- ‘caixa’), espalhado pelo litoral, correspondem *papo* (← *papar* ‘comer’ ← lat. PAPPARE ‘id.’) no Nordeste e *barba* (← lat. BARBA- ‘pêlo da barba’) no interior, ao longo da fronteira com Espanha.

<sup>3</sup> P.ex. a cria da ovelha chama-se *anho* (← lat. AGNU-) no Noroeste, *cordeiro* (← lat. vulg. \*CORDARĪU- ← (AGNU-) CORDU- ‘tardio em nascer’) na larga faixa curvada de transição e *borrego* (← cast. *borrego* ‘id.’ ← *borra* ‘lã grosseira’ ← lat. BŪRRA- ‘id.’) no Sul, particularmente expandido nas regiões vizinhas com Espanha.

<sup>4</sup> O que prova entre outros a fonética histórica. Basta mencionar dois traços que diferenciam o galego-português dos castelhano e leonês vizinhos: 1) o galego-português perdeu os -L- e -N- intervocálicos latinos, ao passo que o castelhano e o leonês os conservaram (p.ex. lat. vulg. PALŪMBA- → gal.-port. *pomba*, cast. e leon. *paloma*; lat. LANA- → gal.-port. *lã*, cast. e leon. *lana*); 2) os Ē i Ō acentuados latinos deram vogais abertas em galego-português, mas ditongaram em castelhano e em leonês (p.ex. lat. FĒRRU- → gal.-port. *ferro* [ɛ], cast. *hierro* [je], leon. *fierro* [je] / *fiarro* [ja]; lat. PŌRTA- → gal.-port. *porta* [o], cast. *puerta* [we], leon. *puorta* [wo] / *puarta* [wa]).

<sup>5</sup> De facto, não se sabe se nas regiões setentrionais (Galiza e Castela) houve oposição [b]/[v] que se naturalizou, ou se ela nunca apareceu.

<sup>6</sup> As primeiras duas grafadas, respectivamente, <ç> / <c> e <z>, pronunciadas no galego-português como [ts] e [dz] e tendo origem nos grupos latinos: [tj] / [kj] para [s] (cf. PALATĪU- → *paço*, FACĪO → *faço*) e [ke] / [ki] para [z] (cf. COQUĒRE (→ COCĒRE → COCĒRE) → *cozer*, COQUĪNA- (→ COCĪNA- ) → *cozinha*), enquanto as segundas escritas com <ss> (ou <s> quando inicial ou final) e <sz>, desenvolvidas dos latinos -SS- e -S- (cf. PASSU- → *passo*, CONSŪĒRE (→ \*COSĒRE) → *coser*).

- c) distinção (ou não) entre a consoante africada [tʃ] e a consoante palatal [j]<sup>7</sup>;
- d) realização simplificada (ou não) do ditongo decrescente [ow]<sup>8</sup> como a vogal [o];
- e) realização simplificada (ou não) do ditongo decrescente [ej]<sup>9</sup> como a vogal [e];
- f) distinção (ou não) entre as consoantes fricativas palatais sonoras e surdas;
- g) conservação (ou não) do antigo vocalismo átono<sup>10</sup>.

Tendo em conta a disposição destes sete traços fonéticos no mapa do domínio linguístico galego-português, Lindley Cintra dividiu-o em três grandes ÁREAS DIALECTAIS:

I) *dialectos galegos*, que se caracterizam por: betacismo, realização das consoantes fricativas pré-dorsodentais [s] e [z] como fricativas ápico-alveolares [ʃ] e [ʒ], manutenção dos ditongos [ow] e [ej], conservação da africada [tʃ], como também do antigo vocalismo átono, e ausência das consoantes fricativas palatais sonoras; distinguem-se neste grupo o *galego ocidental* e o *galego oriental*;

II) *dialectos portuguesas setentrionais*, que partilham todos os traços com o grupo anterior, salvo os dois últimos: o antigo vocalismo átono não se manteve<sup>11</sup>, e as consoantes fricativas palatais surdas têm as suas correspondentes sonoras; no âmbito deste grupo podem referir-se os *dialectos transmontanos e alto-minhotos*<sup>12</sup> e os *dialectos baixo-minhotos-durienses-beirões*.

III) *dialectos portuguesas centro-meridionais* (onde se coloca a norma-padrão de Lisboa), que também perderam o antigo vocalismo átono e têm consoantes fricativas palatais sonoras, mas que diferem dos grupos precedentes quanto aos outros traços: distinção entre oclusiva [b] e fricativa [v], perda das ápico-alveolares [ʃ] e [ʒ] (ceceo)<sup>13</sup>, simplificação dos ditongos [ow] e [ej] em [o] e [e]<sup>14</sup>, confusão da africada [tʃ] com a palatal [j]<sup>15</sup>; pertencem a este grupo os *dialectos do centro-litoral* e os *dialectos do centro-interior e do sul*.

<sup>7</sup> A primeira proveniente dos grupos CL-, FL-, PL- iniciais latinos e transcrita com o grafema <ch> (cf. CLAMARE → *chamar*, FLAMMA- → *chama*, PLICARE → *chegar*), e a segunda, transcrita com <x>, resultante do grupo latino [sj] (cf. PASSIÓNE- → *paixão*, \*CAPSĒU- → *queixo*) ou de origem estrangeira (p.ex. *xarope* ou *xadrez* que vieram do árabe).

<sup>8</sup> Que vem dos grupos latinos [al] e [aw] (cf. ALTĒRU- → *outro*, AURU- → *ouro*), mas tem também outras etimologias. Na cidade do Porto este ditongo realiza-se como [aw].

<sup>9</sup> Resultante, na maioria dos casos, da metátese e assimilação que ocorreram nos grupos latinos de tipo [a]C[j]V, cf. PRIMARĪU- → *primeiro*, ARĒA- → *eira*, CASĒU- → *queijo*.

<sup>10</sup> O galego-português tinha um sistema de sete vogais orais átonas ([i], [e], [ɛ], [a], [0], [o], [u]).

<sup>11</sup> Em português de Portugal, quando átonas, as vogais sofreram elevação e o sistema reduziu-se a apenas três elementos: [i], [a] e [u].

<sup>12</sup> Embora façam parte deste grupo, os dialectos transmontanos e alto-minhotos conservam todas as quatro sibilantes ([s], [z], [ʃ] e [ʒ]), continuando assim o antigo sistema.

<sup>13</sup> Ceceo, presente também na norma-padrão, significa que – contrariamente ao seseio – das quatro sibilantes ficaram apenas as pré-dorsodentais [s] e [z].

<sup>14</sup> Em Lisboa, porém, o ditongo [ej] pronuncia-se [aj]; aliás, na capital todos os [e] tónicos antes de um fonema palatal passam a [a], cf. p.ex. *madeira* [maðajɾa], *empenho* [ɛpaɲu], *grelha* [gɾaɫa].

<sup>15</sup> A consoante [tʃ] simplificou em [j] e hoje em dia a norma-padrão só conhece este segundo fonema.

A seguinte tabela resume todas as características acima mencionadas:

	betacismo ([b], [v] → [β] ou [b])	seseio ([s] → [ʃ], [z] → [ʒ])	ceceo ([ʃ] → [s], [z] → [ʒ])	[tʃ] → [tʃ]	[ow] → [o]	[ej] → [e]	fricativas palatais sonoras → fricativas palatais surdas	antigo vocalismo átono
dialectos galegos	X	X					X	X
dialectos portugueses setentrionais	X	X						
dialectos portugueses centro-meridionais			X	X	X	X		

Para dar um exemplo representativo de como se fala aproximadamente nas três grandes zonas dialectais que acabam de ser referidas, eis a transcrição fonética de uma simples frase:

*Começou a chover, vou para casa.*

- falante da zona dos dialectos galegos: [kome'ʃow a tʃo'βer, βow para 'kaʒa].
- falante da zona dos dialectos setentrionais: [kumi'ʃow a tʃu'βer, βow para 'kaʒa].
- falante da zona dos dialectos centro-meridionais: [kumi'so a ʃu'ver, vo para 'kaʒa].

A fronteira convencional entre as duas primeiras áreas é igual à fronteira entre Espanha e Portugal, e as áreas no território português estão separadas por uma linha sinuosa que vai de Aveiro a Oeste até Castelo Branco a Leste. Porém, independentemente da divisão política, verifica-se que os dialectos portugueses setentrionais são muito mais próximos dos galegos, representando – quanto aos traços fonéticos e lexicais – um estágio intermediário entre estes últimos e os centro-meridionais. Esta constatação comprova a existência de uma continuidade linguística e confirma que do ponto de vista histórico o galego e o português são dois ramos paralelos de uma só língua, desaparecida há centenas de anos.

Além disso, corrobora-se a tese que o português do Norte é um idioma conservador que preserva várias características antigas, tendo-se desenvolvido numa região que sempre foi mais estável e menos sujeita a invasões estrangeiras e migrações humanas. No centro e sobretudo no Sul do país o português mostra-se uma língua mais inovadora, sendo falada num território menos povoado – logo, mais susceptível às influências vindas do exterior e que, além disso, ficou submetido durante alguns séculos à dominação árabe.

É preciso acrescentar que nas três grandes áreas dialectais, no âmbito dos grupos dialectais continentais referidos, existem e funcionam ainda numerosas variedades diatópicas que apresentam traços próprios: uma variante do dialecto baixo-minhoto-duriense-beirão com o [ʃ] mais ou menos palatalizado (incluindo a sua correspondente sonora [ʒ]), a que o povo costuma chamar “s” beirão; o subdialecto da Beira Baixa

e Alto Alentejo, caracterizado por alterações profundas no sistema vocálico; o falar do Barlavento Algarvio, em que todas as vogais sofreram elevação e fecharam, assemelhando-se assim às vogais francesas; variantes urbanas das grandes cidades – Lisboa e Porto... Já para não falar do mirandês, um dialecto leonês empregado na Miranda do Douro, no Nordeste do país, e de diversos idiomas fronteiriços – entre outros os de Barrancos e de Olivença – que, sendo de base portuguesa, sofreram muitas influências do castelhano.

Este esboço conciso apresentou apenas uma imagem geral (e decerto não exaustiva) da situação dialectal em Portugal continental, em que cabem ainda inúmeros falares locais, mais ou menos significativos à luz da lei, mas sempre interessantes para um linguista. Não existe uma só língua portuguesa, e também não é a única que se usa no território português. Vale a pena lembrar e sublinhar esse facto no décimo aniversário da atribuição do estatuto oficial ao mirandês, o segundo idioma que o pode gozar na terra dos Lusos.

#### BIBLIOGRAFIA PROPOSTA RELACIONADA COM O ASSUNTO

- AZEVEDO MAIA Clarinda de (1981): *Geografia dialectal e história do português*, Separata de *Biblos*, Tomo LVII, Coimbra.
- DOS SANTOS MAGNO Lúcia M. (1961): *Áreas lexicais em Portugal e na Itália*, Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XI, Coimbra.
- DOS SANTOS MAGNO Lúcia M. (1961): *O fundo lexical comum aos dialectos italianos e ao português* [em:] *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, vol. I, Lisboa, pp. 11–22.
- HEAD Brian F. (1994): *O “dialecto brasileiro” segundo Leite de Vasconcellos* [em:] *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade. Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Linguística*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 295–315.
- HERCULADO DE CARVALHO José G. (1964): *Os estudos dialectológicos em Portugal nos últimos vinte anos* [em:] José G. Herculano de Carvalho, *Estudos linguísticos*, 1.º volume, Editorial Verbo, Lisboa, pp. 167–182.
- HERCULADO DE CARVALHO José G. (1964): *Porque se fala dialecto leonês em terra de Miranda?* [em:] José G. Herculano de Carvalho, *Estudos linguísticos*, 1.º volume, Editorial Verbo, Lisboa, pp. 39–60.
- LEITE DE VASCONCELLOS José (1987): *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (3.ª Edição por Maria Adelaide Valle Cintra), Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- LEITE DE VASCONCELLOS José, GONÇALVES VIANA A.R. (1897): *Mapa dialectologico do Continente Português, precedido de uma classificação summaria das linguas*, Guillard, Aillaud & C<sup>ia</sup>, Lisboa.
- LINDLEY CINTRA Luís F. (1962): *Une frontière lexicale et phonétique dans le domaine linguistique portugais* [em:] *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, vol. III, Lisboa, pp. 31–39.
- LINDLEY CINTRA Luís F. (1983): *Estudos de dialectologia portuguesa*, Sá da Costa Editora, Lisboa.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Fazem parte deste volume os dois estudos fundamentais mencionados anteriormente no artigo, nomeadamente – *Áreas lexicais no território português*, publicado no tomo XX do *Boletim de Filologia* (1962), e *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*, do tomo XXII da mesma revista (1971).

- MATTOS E SILVA Rosa Virgínia (1988): *Diversidade e Unidade: A Aventura Linguística do Português* [em:] *Revista ICALP*, vol. 11, pp. 60–72 (Parte 1); *Revista ICALP*, vol. 12/13, pp. 13–28 (Parte 2).
- MOTA Maria Antónia (2001): *Variação e diversidade linguística em Portugal* [em:] Maria Helena Mira Mateus (org.), *Mais línguas, mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa*, Colibri, Lisboa, pp. 27–34.
- PAIVA BOLÉO Manuel de (1951): *Dialectologia e história da língua. Isoglossas portuguesas*, Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XII, Lisboa.
- PAIVA BOLÉO Manuel de (1954): *Unidade e variedade da língua portuguesa*, Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, tomo XX, 2.<sup>a</sup> série, n.º 1, Lisboa.
- PAIVA BOLÉO Manuel de (1960): *O estudo dos falares portugueses, antigos e modernos, e sua contribuição para a história da língua*, Separata das *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Vol. II, Lisboa.
- PAIVA BOLÉO Manuel de (1971): *Linguistique, géographie et unités dialectales subjectives au Portugal* [em:] *Actele celui de-al XII-lea Congres Internațional de Lingvistică și Filologie Românică*, vol. II, Editura Academiei Republicii Socialiste România, București, pp. 323–342.
- PAIVA BOLÉO Manuel de (1983): *A língua portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil*, Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XVIII, Coimbra.
- PAIVA BOLÉO Manuel de, SANTOS SILVA Maria Helena (1962): “*O Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental*” [em:] *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, vol. III, Lisboa, pp. 85–112.
- PAIVA RAPOSO Eduardo (1984): *Algumas observações sobre a noção de ‘Língua Portuguesa’* [em:] *Boletim de Filologia*, vol. XXIX, pp. 585–593.
- RIBEIRO Orlando (1965): *A propósito de áreas lexicais no território português (Algumas reflexões acerca do seu condicionamento)*, Separata do *Boletim de Filologia*, Tomo XXI, Lisboa.
- SEGURA DA CRUZ Luísa, SARAMAGO João (1999): *Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais* [em:] Isabel Hub Faria (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Edições Cosmos, Lisboa, pp. 707–738.
- SEGURA DA CRUZ Luísa, SARAMAGO João, VITTORINO Gabriela (1994): *Os dialectos leoneses em território português: coesão e diversidade* [em:] *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade. Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Linguística*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 281–293.
- VÁZQUEZ CUESTA Pilar (2002): *O que um falante de Português deve saber acerca do Galego*, Edições Colibri, Lisboa.
- VÁZQUEZ CUESTA Pilar, MENDES DA LUZ Maria Albertina (1980): *Gramática da Língua Portuguesa* (Trad. port. de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos), Edições 70, Lisboa.

#### PÁGINAS INTERNET COM INFORMAÇÕES RELEVANTES

<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/index.html> (Centro Virtual Camões na página do Instituto Camões).

<http://www.clul.ul.pt/index.php> (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa).

## Summary

### *Note on the dialects of Portugal*

The article intends to present briefly the history of dialectological studies in Portugal from their beginnings in the latter half of the 19<sup>th</sup> century, enumerating linguists who have contributed considerably to the development of research in this field. It also includes some divisions of the Portuguese territory on lexical areas, as well as a classification of the geographical varieties of Portuguese language and other dialects spoken in continental Portugal with their principal characteristics, based on still actual works of Luís F. Lindley Cintra. Moreover, there are mentioned some important bibliographical references relative to the issue.

## Streszczenie

### *O dialektach Portugalii*

Artykuł przedstawia zarys historii badań dialektologicznych w Portugalii, od ich początków w drugiej połowie XIX wieku, przytaczając nazwiska językoznawców, którzy najbardziej przyczynili się do rozwoju tej dziedziny. Prezentuje pokrótce także różne podziały portugalskiego terytorium na areale leksykalne, jak również klasyfikację regionalnych odmian języka portugalskiego oraz innych dialektów mówionych w Portugalii kontynentalnej, wraz z ich podstawowymi cechami charakterystycznymi. Zawiera wreszcie spis ważnych pozycji bibliograficznych związanych z omawianym zagadnieniem, wśród których należy wyróżnić wciąż aktualne prace Luísa F. Lindleya Cintry, stanowiące podstawowe źródło informacji zamieszczonych w artykule.